

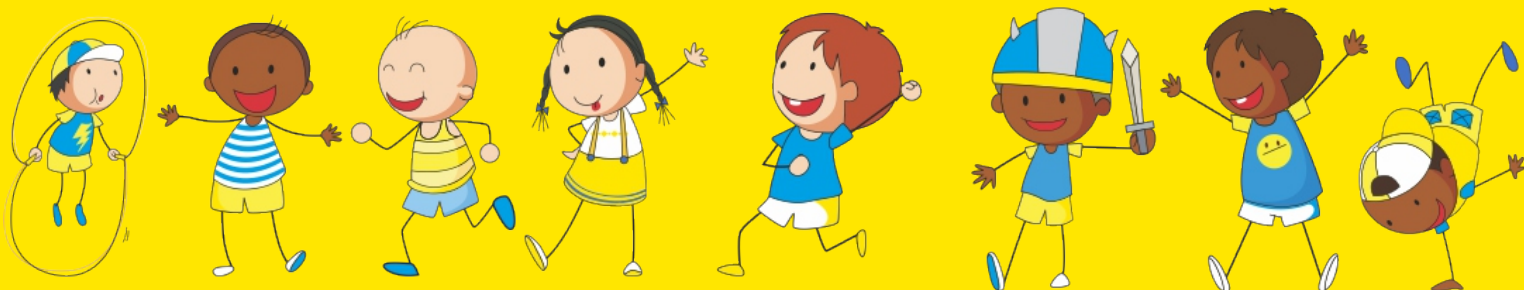
VAMOS FALAR SOBRE ADOÇÃO?

VOLUME 1 MENTIRAS



GAASO

GRUPO DE APOIO À ADOÇÃO DE SOROCABA



GAASO Grupo de Apoio à Adoção de Sorocaba e Região
orgulhosamente apresenta

VAMOS FALAR SOBRE ADOÇÃO?

VOLUME 1

MENTIRAS

Título: ***Vamos falar sobre Adoção?***

Volume 1: ***Mentiras***

Ano: **2024 - 1ª Edição**

Escrito por:

Cecília Reis

Presidente GAASP (desde 2019)

Presidente em exercício da

AGAAESP (desde 2024)

Idealizado por:

Flávia Teles

Voluntária GAASO

Edição por:

Paulo Lopes Carneiro

Voluntário GAASO

Uma colaboração:



Site: <http://www.gaaso.org.br>

Instagram: @gaaso_sorocaba

É permitida a reprodução parcial ou total, apenas para uso não-comercial, desde que citada a fonte, sendo vedada a criação de obras derivadas.

O que era para ser apenas uma postagem em redes sociais acabou se tornando um projeto.

Afinal, reduzir palavras para caber em uma postagem de apenas 2200 caracteres seria injusto, dada a importância dos temas relacionados à Adoção.

Foi assim que a ideia desta série de mini ebooks surgiu. Todo mês, nós do GAASO, convidaremos um voluntário de outro Grupo de Apoio à Adoção para responder 4 perguntas sobre temas relacionados a este universo.

Esta série de publicações, intitulada "Vamos falar sobre Adoção?", tem o intuito de auxiliar você, pretendente, pai ou mãe por adoção, a refletir sobre as dúvidas e desafios que permeiam esta via de parentalidade.

Espero que este conteúdo seja esclarecedor e possa contribuir com a jornada adotiva de cada um.

Um abraço!

Flávia Teles

Pedagoga, voluntária GAASO e mãe por adoção



Fui convidada pelo pessoal do **GAASO** a responder algumas perguntas sobre as crianças que chegam via adoção com “**mania de mentir**”. Mas, antes de começar a responder, preciso perguntar: você nunca mentiu?

Quantas mentiras “brandas/leves” você já contou por aí? Mentira para não magoar alguém, para não ir trabalhar, pra não ir em um compromisso. Como dizia o poeta Mário Quintana “*A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer*”.

Antes de pensarmos sobre como “consertar” a criança que chega por adoção contando muitas mentiras, precisamos entender como nos comportamos diante das nossas mentiras. Como essa criança vai aprender que é errado mentir se você conta mentira na frente dela?

“Ah, mas eu não minto na frente dela”. Quer exemplo? Ela sabe que vocês estão atrasados para um compromisso mas ouve você, ao telefone, falando “já estamos à caminho”. Ou então quando você pede pra ela dizer que gostou de um presente (que ela claramente não gostou) para não magoar a tia. Isso não é mentir?

Então, se a criança chega por adoção com o hábito de mentir, é preciso entender muitas coisas antes de tentar corrigir “a qualquer custo” esse comportamento da criança.

Cecilia Reis

Presidente do GAASP desde 2019

Coordenadora do GAAPRE

Presidente em exercício da AGAAESP desde 2024



1. Nos atendimentos de pós adoção realizados pelo GAASO é muito comum o relato dos pais, a respeito das mentiras que as crianças contam. Como você entende o ato da mentira na ótica da criança?

É importante iniciar a resposta dizendo que toda mentira tem um propósito, uma finalidade embutida. Se mentimos dizendo que “gostamos do presente” quando não gostamos, o propósito, no geral, é não magoar quem deu o mimo com carinho. Se mentimos sobre algo errado que fizemos, o propósito é evitar a punição.

Mas e a criança acolhida? É difícil definir qual é o motivo pelo qual a criança mente de forma muito específica, uma vez que o que faz o indivíduo mentir é a forma com que ele aprendeu a lidar com a verdade que o cerca. Imagina você crescer em uma família completamente disfuncional, onde tudo que acontece, a criança leva a culpa e ainda apanha por isso.

Ela passa a mentir por proteção, por exemplo. Antes de taxar a criança como mentirosa e dizer que é só porque foi adotada, é preciso entender o contexto em que ela cresceu. Na ótica da criança, de uma forma geral, a mentira pode vir até para se sentir admirada, quando ela diz ter realizado um feito importante que você sabe que ela não fez.

Enfim, não há uma fórmula exata e sim uma necessidade de entender a história da criança para saber os motivos que a levam a mentir, além de tomar cuidado com a patologização da mentira, taxando a criança de mitômana sem ao menos entender de onde esse comportamento veio.



2. Apesar de não ser um comportamento padrão, isto geralmente acontece com crianças que chegaram a sua nova família, entre 6 e 12 anos. Você acredita que a mentira esteja ligada apenas a fatores emocionais ou pode estar relacionada a etapa do desenvolvimento da criança?

Lá vem a resposta padrão dos psicoterapeutas: depende! Risos. O que acontece é que as duas coisas podem estar diretamente relacionadas. De maneira bem simples, essa faixa dos 6 anos é o início da visão de socialização da criança e, nessas trocas com novas pessoas que possuem referências diferentes das suas, a criança passa a absorver discursos dos quais antes não tinha acesso. O que isso quer dizer? Que ela passa a entender um pouco melhor os “benefícios” da mentira (claro, na perspectiva dela).

O que antes era só um comportamento repetido ou até imitado, passa a fazer mais sentido. Por exemplo: no abrigo tem um número grande de crianças e poucos funcionários. Quando um brinquedo é quebrado, como eles fazem para descobrir quem quebrou? É quase impossível. Mesmo que eles falem coisas como “se ninguém falar, tá todo mundo sem TV”, ainda assim, a criança que quebrou não se acusa, já que a culpa não vai pesar tanto, afinal não é só ela que sai perdendo. Até porque, criança sem TV brinca mais.

Na perspectiva dela, é um “ganha/ganha”. Ela não foi punida sozinha e ainda tem mais gente pra brincar. É um exemplo simples, mas que na ótica da criança faz muito sentido. O fator emocional e desenvolvimento, estão ligados.



3. Quando as mentiras ultrapassam os limites de casa e acabam sendo inseridas em outros contextos, como os pais devem interferir?

Como falei anteriormente, antes de qualquer intervenção é preciso entender o que houve. Onde essa mentira ocorreu? Qual foi o motivo? Qual foi o resultado da mentira? Quem se prejudicou? (além da própria criança que mentiu).

A intervenção dos pais deve ser proporcional ao impacto causado pela mentira, lembrando de olhar para si e ver se a criança não está simplesmente repetindo o padrão de mentira desses pais.

Exemplo: mentiu na escola. Se os pais já mentiram pra algum professor e a criança sabe disso, como é que esses pais podem punir se a criança mentiu também? Volto no início da reflexão: como falar pra criança não fazer algo que você mesmo faz? Se a criança mentiu algo do tipo “ah, meu pai deixou eu trazer a bola” e o pai não deixou, esse pai pode ir na escola explicar que não deixou, sem criar histórias mirabolantes e, ao voltar pra casa, conversar sobre a mentira e dizer, por exemplo, que se não puder confiar, vai começar a verificar a mochila antes de sair (o que, aliás, não tem nada de errado. Você é responsável pela criança e tem direito de conferir o que ela leva para a escola).



4. Quais dicas você daria aos pais para que lidem da melhor forma com esse tipo de situação envolvendo mentiras?

Vamos dizer que você fica sabendo que ela brigou na escola e foi a responsável pela confusão. Se a criança mentir e você desconfiar, antes de exigir a verdade, averigüe.

Quando tiver a informação correta, você pode voltar para a criança e dizer: “eu sei que foi mentira. Pedi para você me contar o que houve e você mentiu”.

Se a criança insistir na mentira, você pode dizer que já sabe a verdade e que gostaria que ela entendesse que não precisa mentir sobre esse tipo de questão. Não significa que não haverá consequência, mas quando a gente erra uma vez, tem um tipo de consequência, mas se erra e depois mente, aí a situação se agrava.

O importante é tentar não ter uma fala violenta e sim compreensiva, para que ela não se sinta atacada e saiba que você entende, mas que não concorda.



Lembre-se sempre de manter a proporcionalidade das consequências dos atos das crianças. Se você for adepto ao “deixar sem TV”, por exemplo, não dá para a criança ficar 3 dias sem TV por ter levado um brinquedo escondido pra escola e os mesmos 3 dias se ela tiver batido em um colega de classe. Agressão é, de um modo geral, algo muito mais grave do que levar o próprio brinquedo pra escola, certo? Então não são coisas proporcionais.

O mais importante, que eu repito o tempo todo nas aulas e palestras que dou, é que devemos lembrar que não dá para criar um novo significado para algum tipo de comportamento ou pensamento da criança sem antes entender o que aquilo significa pra ela. Não dá para exigir que ela pare de mentir se você não entende que essa foi uma ferramenta de sobrevivência para ela até hoje, por exemplo. É preciso entender, antes, do que ela se protegia, como ela desenvolveu essa “armadura” e depois conquistar a confiança dela sendo verdadeiro com ela e isso inclui explicar para ela o que é a mentira pra você, afinal, você vai sim mentir na frente dela, saiba disso. Depois de conseguir ultrapassar essa barreira, aí sim ela será capaz de confiar em você e entender que, nesse novo lar, a verdade funciona melhor.

*Quem diz que não mente nunca,
está mentindo pra si mesmo*

Cecilia Reis



COM A PALAVRA, O CONVIDADO:



Fundado em 2005, com CNPJ desde o início, o GAASP começou como a maioria dos grupos de apoio à adoção no nosso país: pessoas se reunindo para compartilhar suas experiências como famílias adotivas.

Inicialmente, o Grupo oferecia somente reuniões mensais de pré-adoção (com temas variados e certificação) e de pós-adoção (também com certificado). Foi em 2018 que formato mudou para um curso com 4 aulas, ainda com temas variados, mas com uma aula inicial introdutória sobre o que é a adoção e como funciona. De lá pra cá, já tivemos encontros presenciais, online, picnics, cursos, eventos, lives e também palestras.

Cecília Reis é terapeuta psicanalista, presidente do GAASP (Capital) desde 2019, coordenadora do GAAPRE (litoral Sul), presidente em exercício da Agaaesp (estadual) desde 2024.

Site: <http://www.gaasp.org.br/>



COM A PALAVRA, NOSSA PRESIDENTE



O material apresentado, construído pelo GAASO em parceria com outros GAAs, revela-se de suma importância para divulgar não só o trabalho dos grupos de apoio à adoção de crianças e adolescentes, um tema ainda pouco debatido pela sociedade e que ainda possui uma visão estigmatizada. Além disso, a cooperação entre os GAAs vai ao encontro do que é preconizado pelos grupos: a atitude adotiva. Sem ela, somos incapazes de compreender que fazemos parte de um todo e de entender e respeitar as diferenças e singularidades de cada pessoa, o que é essencial para o sucesso de uma adoção. A atitude adotiva deveria ser a base de toda a sociedade e não apenas das famílias formadas através da adoção.

Neste trabalho, a atitude adotiva aproxima e revela que os GAAs, apesar de terem objetivos em comum, possuem suas singularidades, principalmente se considerarmos a extensão territorial do país e sua diversidade de culturas. Assim, os GAAs possibilitam a reflexão sobre as motivações para adoção, provocando os pretendentes e demais participantes a debater conteúdos referentes à parentalidade afetiva e responsável. É importante destacar que o trabalho incansável e voluntário dos GAAs é responsável por mudanças significativas na compreensão entre filho real e filho idealizado, contribuindo para o aumento das chamadas adoções tardias e necessárias em todo o território nacional.



COM A PALAVRA, NOSSA PRESIDENTE



E é nessa linha de trabalho que o GAASO vem atuando há mais de 20 anos: desmistificando a adoção, desconstruindo preconceitos, e ressignificando histórias. Desde o acolhimento, os participantes sabem que irão enfrentar uma jornada difícil, mas que não estarão sozinhos nessa caminhada. As experiências compartilhadas nas reuniões formam em cada pretendente um acervo valioso que auxiliará nos desafios da durante o exercício da parentalidade afetiva.

Falando em desafios, ao longo de sua trajetória, o GAASO enfrentou muitos obstáculos, mas todos foram superados com o apoio dos valorosos voluntários, moldando o que o GAASO é hoje. Parcerias importantes foram formalizadas como forma de reconhecimento ao trabalho de excelência desenvolvido pelo grupo, que sempre se preocupa em atualizar seus conteúdos por meio da participação em cursos, encontros estaduais e nacionais, além de consultar literatura importante sobre o tema adoção. Tudo isso é feito para honrar nosso principal objetivo, que é a proteção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes institucionalizados, através da preparação das futuras famílias formadas por meio da adoção, do afeto.

Mônica Paschoal

Advogada, Presidente do GAASO
e mãe por adoção

